



educação

# dar letras à imaginação

A ESCRITA CRIATIVA DESAFIA AS CRIANÇAS A BRINCAR... COM AS PALAVRAS. GUIADAS PELA IMAGINAÇÃO, EXPERIMENTAM NOVOS CAMINHOS E APRENDEM A PENSAR SEM LIMITES.

Texto de **Ana Sofia Rodrigues**

**S**imão dizia que não gostava de escrever. As composições pedidas na escola acabavam até em choro. A mãe, enquanto aguardava o final de uma aula de vela dos filhos, descobriu, por acaso, o livro *Quero Ser Escritor* – um manual de escrita criativa para todas as idades. Entusiasmada, na viagem de regresso a casa, para Serpa, Sílvia desafiou o Simão e os seus irmãos a resolverem, logo ali no carro, alguns dos exercícios propostos no livro. Simão adorou. Levou o livro para a escola e contagiou a professora e colegas. A escrita criativa tornou-se num ritual repetido todas as sextas-feiras. «Para o Simão, escrever um texto deixou de ser um castigo e agora é um imenso prazer. Inclusivamente, tem um caderno especialmente destinado a textos de escrita criativa para usar sempre que se sente mais inspirado», revela a mãe.

## ARRISCAR NOVOS CAMINHOS

Margarida Fonseca Santos, uma das autoras do livro que motivou esta família de Serpa, orienta ateliês de escrita criativa com crianças, adultos e professores. Considera que «o segredo é ensinar as crianças a procurar o prazer da escrita e a encontrar o lado lúdico da criatividade. E isso faz-se brincando, através de exercícios estimulantes em que elas descobrem como é divertido procurar novas soluções». Expressões como «não tenho imaginação, não tenho nenhuma ideia, não gosto de escrever, estou bloqueado» ficam à porta de uma sessão de escrita criativa. O que importa não é o produto final, mas sim o trajecto efectuado, o vocabulário descoberto e o imaginário explorado. O que se pretende é que a criança se sinta motivada para continuar a escrever e que queira sempre melhorar. Tudo isto polvilhado com muita alegria. Margarida

## educação

explica: «Há dois tipos de exercícios na escrita criativa: os abdominais de aquecimento e os exercícios de construção de uma história». Os abdominais obrigam as crianças a sair dos seus caminhos conhecidos da escrita para poderem evoluir. São propostos constrangimentos que as obrigam a desviar-se do óbvio e encontrar novas soluções, ginasticando inúmeras capacidades. Margarida exemplifica: «Se proibirmos o uso de uma letra, por exemplo o u, deixamos de ter formas verbais no passado e não podemos usar 'ques'. Os miúdos costumam dizer: nem podemos começar com o era uma vez!». Estes jogos distraem as crianças do objectivo final, ao mesmo tempo que desafiam a sua imaginação. E os resultados são sempre inesperados. Num destes exercícios, Margarida pediu que recontassem a história da lebre e da tartaruga, sem o tal u. «Ficámos sem tartaruga!», disse logo um mais atento. O cágado foi o eleito pela maioria, mas uma das crianças escolheu... uma lesma. Quando a lebre acorda, acaba por perder porque no *sprint* final... escorrega na baba que a lesma deixou pelo caminho!

Luís Mourão, professor na Escola EBI da Várzea (Leiria), enredou-se no «interessante e provocador» mundo da escrita criativa há mais de 20 anos. Com os seus alunos experimenta exercícios «com a dominante comum de serem jogos, terem regras, diversão e serem fonte de prazer e alegria. As crianças

gostam imenso de trabalhar assim e eu desconfio que já não sei, nem quero, trabalhar de outra forma», confessa. As hipóteses são infundáveis: escolher cinco letras e descobrir quantas palavras se podem escrever com elas, sem deixar nenhuma de fora; construir um texto em que cada uma das crianças só pode usar vinte letras e logo a seguir passa a história a outra; contar uma história completa apenas com 50 palavras; fazer um texto em que a primeira letra de cada palavra tem de ser igual à última da palavra anterior; preencher duas colunas, uma com prefixos e outra com nomes e juntá-los à sorte, surgindo biscanetas, micro-hipopótamos, destrabalhos de casa... inspirações irresistíveis para novas histórias.

«Há dois tipos de exercícios: os abdominais de aquecimento e a construção da história», diz Margarida Santos.

## NINHOS DE LIBERDADE

Nestas actividades, a participação dos orientadores é essencial. Dália Santos, professora do segundo e terceiro ciclos em Ourém, descobriu ser fundamental escrever também com os alunos, expondo-se tanto como eles. «Percebi que era importante mostrar-lhes que a folha em branco não é um entrave, mas uma porta que se abre e, sobretudo, fazer-lhes sentir que não têm que ser geniais, que os textos podem ser simples e que até podem conter erros que depois serão trabalhados.» O aspecto corrector é, aliás, um tema delicado. Margarida Fonseca Santos defende que «a ortografia é uma questão que não pode

## HISTÓRIAS REAIS

**Escrever é fácil: basta começar com uma letra maiúscula e terminar com um ponto final. No meio é só colocar as ideias.**

**Pablo Neruda**

Ideias são o que não faltam a Tomé e Maria. Duas crianças surpreendentes que tiveram a sorte de serem estimuladas pelos seus professores para a escrita. Tomé tem oito anos. Como o próprio confessa, para ele não foi logo fácil escrever, sobretudo por causa da caligrafia. «Em casa, até pedia ao meu pai para fazer muitos ditados» para treinar e melhorar rapidamente. Mas mal começou a escrever, já tinha vontade de inventar as suas próprias histórias. «Gosto de imaginar as cenas na minha cabeça e falo com o leitor através delas.» O mundo da sua imaginação não tem limites, por isso não gosta de usar nomes normais para as personagens. Adora nomes mais estranhos, que não existem, como o «Chavinix, que

era um génio que estava numa chávena e concretizava desejos». É nos livros que vai buscar a sua inspiração e, quando os lê, «fico ainda com mais vontade de escrever!». Às vezes aproveita «um papelinho de outra coisa» e escreve a palavra mais importante de uma ideia que lhe surge no pensamento. Depois chega a casa e «quando vou tomar banho e ponho as calças para lavar, vejo que tenho um papel no bolso, leio a palavra e lembro-me que tenho que escrever uma história com ela». Para o Tomé, «escrever é imaginar-me dentro de uma história, é ter cada vez mais ideias.»

Maria tem só mais dois anos que Tomé. Recorda, com graça, que «no primeiro ano escrevia textos simples, pois ainda faltava aprender várias coisas; no segundo ano comecei a escrever mais; no terceiro já escrevia bem e no quarto não parava de escrever!» É também nos livros que encontra a sua maior inspiração. Junta todas as ideias com a sua

imaginação e sonhos e cria «coisas que nem sequer existem, que são fantasia para lá das nuvens.» Gosta mais de escrever à tarde, quando «estou no meu quarto, na minha secretária e bate aquele solzinho na janela» e ouve os pássaros e o vento. «sons que me descontraem para escrever.» Acha que os pormenores são a parte mais importante de uma boa história, por isso gosta de se demorar a contá-los para que os leitores sintam mesmo o que imaginou.

Os seus textos acabam por ser uma forma de se dar aos outros. «Gosto sempre de criar uma personagem que seja parecida comigo, para que os outros percebam como eu penso.» E com essa dádiva ganha asas: «Quando escrevo, liberta-me. É como se tivesse um cadeado em cada parte de mim e que sempre que escrevo e mostro às pessoas como eu penso, o cadeado solta-se. É como se abrisse uma nova porta no meu mundo.»

## educação

ser discutida numa sessão de escrita criativa» para que «os alunos sintam que estão num espaço onde todas as experiências são possíveis». *A posteriori* criam-se momentos em que os erros são corrigidos. Bem trabalhados, eles podem até tornar-se criativos. Gianni Rodari, na sua obra de referência «Gramática da Fantasia», considera que «em cada erro está presente a possibilidade de uma história». Exemplifica: «uma pestola disparará balas, pestanas ou pétalas de flores?» ou «um quracão não será um coração doente com falta de vitamina C?». E citando Thompson (estudioso de contos tradicionais), relembra que na Gata Borralheira, de Perrault, o seu sapatinho deveria ser de «vaire» (uma espécie de pele) e que só por um erro se tornou de «verre» (vidro). Um sapatinho de vidro não é muito mais fantástico que um de pele?

## CRESCER EM CONJUNTO

Uma das mais-valias da escrita criativa é a partilha. No final de cada sessão, todos lêem os seus textos em voz alta. Ouvir as soluções que os outros dão para um mesmo desafio é muito enriquecedor. «Dá-nos pistas para, na próxima vez, experimentarmos algo parecido. E isso não é copiar; é abrir os olhos para vermos de maneiras diferentes», reconhece Margarida Fonseca Santos. Nas suas sessões estabelece uma regra: só se pode criticar um texto quando se tem uma solução, sempre numa postura construtiva. Nesta partilha, os intervenientes acabam por ficar a conhecer melhor os outros mas também a si próprios. Como tão bem explica Luís Mourão, «se há coisa bonita na escrita criativa, é ver como as ideias contaminam o papel e por ele se espriam e como em cada ideia vai um pedaço de nós».

As consequências positivas deste tipo de práticas ao nível da escrita e da leitura parecem óbvias. Luís Mourão vai ainda mais longe: «A prática regular da escrita criativa arrasta consigo uma maior capacidade de ler e um maior apetite pela leitura. Leitura de palavras e frases, é claro, mas também de gestos, expressões, barulhos, silêncios, lugares, coisas.» E as vantagens não ficam por aqui. Pela



sua experiência de 14 anos nesta área, Dália Santos reconhece que «recorrer à escrita criativa é sempre uma mais-valia para desenvolver a auto-estima, a autonomia, a segurança, a capacidade de interpretar e de compreender de outro modo, de descobrir novas possibilidades. Estou convencida de que tem implicações até no modo como a criança passa a enfrentar os seus próprios limites», afirma. No fundo, saber pensar de forma inovadora e criativa é uma excelente ferramenta para a vida.

## ENTRAR PELA JANELA

Não foi há muitos anos que as escolas portuguesas começaram a aderir a estes métodos da escrita criativa. No encontro entre certas correntes pedagógicas que enfatizam as aprendizagens activas e alguns movimentos literários como o surrealismo, a escrita criativa comprova a necessidade de integrar a criatividade e a imaginação dos alunos no processo de aprendizagem, recusando-lhes um papel que os remete para meros receptáculos de conhecimentos. Pioneiro nesta área, Luís Mourão reconhece que «há um trabalho imenso, feito por pessoas fantásticas, muitas vezes nas condições mais impensáveis, que vai dando os seus frutos. Também continua a haver pedidos de poemas em ado ou composições 'se eu fosse uma flor na Primavera', mas isso não interessa nada!»

A escrita criativa é, no fundo, uma prática para quem acredita na necessidade da imaginação ter o seu lugar na educação, para quem aposta na criatividade infantil e reconhece o valor de libertação que pode ter a palavra. Adaptando Gianni Rodari (famoso escritor italiano de literatura infanto-juvenil), podemos sempre, com as crianças, entrar na vida e na realidade pela porta principal. Mas não é muito mais divertido e estimulante se optarmos por uma pequena janela? ■

## SAIBA MAIS

Aqui ficam algumas sugestões de livros para poder explorar, com os seus filhos, este desafiante mundo da escrita criativa:

- **Gramática da Fantasia**, Gianni Rodari, Caminho, 13,65€.
- **Os mecanismos da escrita criativa**, Cristina Norton, Temas e Debates, 6,38€.
- **Quero ser escritor**. Manual de escrita criativa para todas as idades, Elsa Serra e Margarida Fonseca Santos, Oficina do Livro, 14€.
- **70+7 Propostas de Escrita Lúdica**, Margarida Leão e Helena Filipe, Porto Editora, 13,95€.



Em [www.paisfilhos.pt](http://www.paisfilhos.pt), encontra dois textos do Tomé e da Maria. A única indicação que lhes demos é que teriam que incluir a expressão «pais e filhos». Espreite e leia. Quem sabe não fica também com vontade de escrever?



72 dar letras à imaginação  
o poder da escrita criativa